

A FORÇA ARGUMENTATIVA DAS *FAKE NEWS* EM REDE DIGITAL

THE ARGUMENTATIVE POWER OF *FAKE NEWS* ON DIGITAL NETWORKS

Renata Palumboⁱ

Zilda Gaspar de Oliveira Aquinoⁱⁱ

Resumo: Neste trabalho, a partir de uma abordagem qualitativa, examinamos vinte e oito textos falaciosos disponibilizados no site Aofatos.org e relacionados aos resultados das eleições presidenciais brasileiras de 2022. Nossos objetivos foram: i) localizar as estratégias interacionais, textuais e cognitivas mais recorrentes em um conjunto de *Fake News* e examinar o papel argumentativo dessas produções; ii) descrever como se operacionalizam os textos em movimentações sociais digitais. Teoricamente, embasamo-nos em Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996 [1958]), entre outros, no que diz respeito às Teorias da Argumentação e procedemos a um diálogo com estudos do texto-discurso de van Dijk e Kintsch (1983), Koch (1996), Marcuschi (2007), Morato e Bentes (2013), entre outros. Os resultados apontam para a estratégia de repetição como central, a qual foi fortalecida pela lógica das redes digitais e pelo cenário de polarização política da época. Além disso, do ponto de vista argumentativo, as *Fake News* precisam ser examinadas em agrupamento de textos-discursos, pois esse conjunto e a dinâmica das redes podem indicar como ocorre a força argumentativa dessas produções.

Palavras-chave: *Fake News*. Estratégias Interacionais e Textuais. Argumentação.

Abstract: In this work, we examined twenty-eight fallacious texts made available on the website Aofatos.org and related to the results of the 2022 Brazilian presidential elections. Our purpose was: i) identify recurring interactional, textual and cognitive strategies in sets of Fake News and examine the argumentative role of these textual productions; iii) Describe describe how texts are operationalized in digital social movements. Theoretically, we are based on Perelman and Olbrechts-Tyteca (1996 [1958]) and on the text-discourse studies by van Dijk and Kintsch (1983), Koch (1996), Marcuschi (2007), Morato, Bentes (2013). The results point to the repetition as central strategy, which was fortified by logical of algorithms and the political polarization scenario. Moreover, from an argumentative point of view, Fake News needs to be examined in groupings of text-discourses because this group and the dynamics of the networks can indicate how the argumentative force of these productions occurs.

Keywords: Fake News. Interactional and Textual Strategies. Argumentation.

Introdução

No dia trinta de outubro de 2022, o Tribunal Superior Eleitoral confirma a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva para presidente da República. De imediato, Bolsonaro, então chefe de Estado, nem reconhece nem nega o resultado, permanecendo em silêncio durante sessenta dias. Nesse mesmo dia, em um vídeo postado no *Twitter*, aparece um homem na rua, vestido com uma camiseta verde e amarela, em frente a uma bandeira brasileira, dizendo que o país havia parado por conta dos resultados da eleição e que só voltaria para casa após o exército tomar o Brasil, pois o futuro estava em jogo. Ainda, nesse vídeo, outro homem aparece e

afirma “Sou brasileiro e não aceito. Eu acredito na família, eu acredito no Brasil, eu não quero comunismo, chega, chega”. Posteriormente, ouvem-se vozes em tom alto, mencionando “Lula ladrão”.

Trata-se de um dos seiscentos e oitenta textos que foram disponibilizados no *site* Aosfatos.org e organizados de modo cronológico: desde os resultados das eleições eleitorais até a tentativa de golpe ocorrida em oito de janeiro de 2023. Nesse acervo, é informado que tal conjunto de produções textuais foi selecionado a partir de uma base composta por um total de 144.320 vídeos, imagens e áudios. Essa quantidade já nos fornece pista da ampla distribuição de ideias pautadas em informações falsas e atreladas à tomada de posse de Lula. Podemos entender que estamos diante de uma situação interacional complexa, devido à maneira como ela se estrutura e se processa, em rede, a partir: a) da existência de um contínuo espaço-temporal; b) do conjunto de textos multimodais que se reproduzem em novos e imprevisíveis contextos; c) da convergência entre plataformas digitais (*Twitter*, *TikTok*, *WhatsApp*, *Kwai*, *Youtube*).

Além do mais, a integração de determinados textos multimodais, que reproduzem as mesmas ideias de modos diversos, leva a construção de um só discurso e única tese. Se considerarmos o resultado desses procedimentos, a tentativa de golpe, é inegável que uma força argumentativa foi operacionalizada. Nessa direção, questionamo-nos: Quais foram as estratégias mobilizadas, tendo em vista o caráter argumentativo desses textos e o resultado? Essa questão leva-nos aos seguintes objetivos: i) localizar as estratégias interacionais, textuais e cognitivas mais recorrentes em um conjunto de textos que possuem a mesma tese em dado momento do cenário político brasileiro; ii) descrever como se operacionalizam os textos das movimentações sociais em rede digital, as quais se baseiam ao mesmo tempo que distribuem informações falsas.

Selecionamos os vinte e oito textos disponibilizados no *site* Aosfatos.org que estavam relacionados aos resultados das eleições presidenciais brasileiras de 2022 e unidos pelo mesmo projeto argumentativo, que foi o de mobilizar pessoas a irem às ruas, aguardarem 72h, para que Bolsonaro acionasse o Artigo 142 da Constituição e as Forças Armadas intervissem.

Teoricamente, embasamo-nos em Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996 [1958]), entre outros, no que diz respeito às Teorias da Argumentação e procedemos a um diálogo com estudos do texto-discurso de van Dijk e Kintsch (1983), Koch (1996), Marcuschi (2007), Morato e Bentes (2013), entre outros.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: primeiramente, discutimos a respeito das configurações dessas produções em rede digital com vista a seus efeitos argumentativos em cenários públicos; na sequência, procedemos às análises de um conjunto de *Fake News*, de seus modos de articulação e de produção de sentido com caráter argumentativo; na última seção, tecemos considerações a respeito das estratégias localizadas e da construção dinâmica de efeitos retóricos em redes de articulação.

1 As *fakes news*: um jogo de falácias e de confabulações

A atenção para o caráter argumentativo das *Fake News* e para seu funcionamento nas redes digitais leva-nos a discorrer, primeiramente, a respeito das falácias, do ponto de vista textual-discursivo. Não temos a finalidade de apresentar um estudo minucioso sobre esse tema, mas sim discutir como a internet possibilitou a criação de um espaço *sui generis* para a proliferação de discursos falaciosos – por meio de várias estratégias textuais, cognitivas e interacionais que possuem papel argumentativo – com os quais são arquitetadas disputas de poder de ordem maior.

Ao buscarmos o termo “falácia” em dicionários, localizamos alguns encaminhamentos comuns, relacionados àquilo que é falso em contraposição ao que é verdadeiro: “Discurso falso que se passa por verdadeiro, engano, modo errado de se conceber alguma coisa, erro” (Cf. Dicionário *Online* de Português); “Ação de enganar com má intenção, qualidade do que é falaz ou falso” (Cf. Priberam); “Qualidade daquilo que é falaz, engano, falsidade, logro, burla” (Cf. Michaelis); “Enunciado ou raciocínio falso que entretanto simula a veracidade” (Cf. Houaiss), “Uma ideia que muitas pessoas pensam ser verdadeira, mas na verdade é falsa”¹ (Cf. *Cambridge Dictionary*).

¹ Tradução livre: “an idea that a lot of people think is true but is in fact false”.

De fato, em termos gerais, podemos considerar que elementos falsos e enganosos subjazem as práticas languageiras falaciosas que se proliferam na internet – a finalidade de enganar, a ausência de compromisso com a verificação do que é apresentado, a estratégia de fabricar fotografias ou manipular vídeos, apresentando-os como não alterados em contextos específicos, o apoio ou a reprodução de argumentos frágeis etc. No entanto, entendemos que seja necessário ponderar sobre as noções de “simular a veracidade” e de “verdadeiro”, tendo em vista a complexidade e a dinamicidade que envolvem textos-discursos, os quais podem promover efeitos de verdade/verossimilhança a depender do jogo instaurado de relações, de modo a não se atrelarem, unicamente, a uma verdade inquestionável do mundo fora do discurso.

Assim, quando concebemos as *Fake News* como práticas falaciosas postas em discurso, por meio das quais se constroem versões públicas do mundo, parece-nos mais viável distanciarmo-nos de um dogmatismo da verdade e aproximarmo-nos da ideia de *Fake News* como “fenômenos performativos e relacionais”, como atividades que se inserem “em uma ordem do discurso, que disciplinam e colocam em disputa questões ético-filosóficas e socioculturais” (MORATO, 2019).²

As falácias em discurso, presentes em *Fake News*, podem ser compreendidas com vista aos interesses envolvidos e aos efeitos visados. Desse modo, vale-nos a afirmação de Bentham (1824, p.3), o qual já nos afirmava que a falácia é “qualquer argumento empregado [...] com o propósito de induzir ao engano ou que possa produzir esse efeito ou de fazer com que a pessoa a quem o argumento é apresentado adote uma opinião errônea.”³ Mais ainda, a falácia pode ser compreendida em relação ao contexto e à situação em que é selecionada.

Portillo-Fernández (2018, p.445), ao mencionar o postulado de Walton (1995) sobre falácia, afirma que:

Ao final do século XX, Walton (1995) prestou atenção nas falácias na argumentação e explicou que elas nada mais são do que argumentos que utilizam esquemas argumentativos, que podem ser corretamente aplicados, mas que foram utilizados incorretamente em um determinado contexto. Esta nova visão das falácias em relação com o contexto abriria um novo

² Comunicação apresentada na Abralin em Cena; Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Y65SmW9UVME&t=419s>. Acesso em: 03 nov. 2023.

³ Tradução livre: “cualquier argumento empleado [...] con el propósito de inducir a engaño, o que con probabilidad produzca ese efecto, o el de hacer que adopte una opinión errônea la persona a cuya mente se le presente el argumento”.

modo de entender esse fenômeno, concebendo-o como argumento defeituoso, inexato ou inválido; um tipo de debilidade, movimento inadmissível ou deficiente que permite se abrir para a crítica.⁴

Mesmo que se tenha considerado o contexto (no sentido mais restrito do termo) e que tenha ocorrido avanço no que se refere à noção de falácia, compreendemos que o termo ainda precisa ser integrado a uma posição que concebe a intersubjetividade, os quadros de crenças e de valores dos participantes, os conhecimentos de mundo, sobretudo, os modos como tais especificidades dos participantes e do momento sócio-histórico articulam-se às pistas deixadas nos textos-discursos, encaminhando produções de sentidos e efeitos argumentativos possíveis.

Nessa direção, Portillo-Fernández (2018), ao mencionar que existem várias perspectivas que se valeram de noções diferenciadas sobre falácias – lógica, retórica, pragmatológica, social, das ciências experimentais –, afirma que, do ponto de vista retórico, torna-se importante considerar as relações interpessoais, a interação comunicativa e outros fatores (indução, dissuasão, persuasão) – assim como também entendemos e assumimos. Nessa acepção, ainda aponta para a tentativa falaciosa (engano pretendido) e para a falácia efetiva (engano proposto e consentido pelo interlocutor).

A respeito da falácia efetiva, articulamos essa posição à de Jacobs e Jackson (2006), a partir de um ponto de vista do social, de que existe uma responsabilidade partilhada, e sua força dependerá das respostas obtidas, da ação de levar ou não adiante, ou mesmo, acrescentamos, de como a falácia é inserida em novos contextos quando reproduzida.

Sabemos que milhares de pessoas, ao mesmo tempo que se baseiam em falácias das *Fake News*, distribuem-nas com acréscimos verbais (comentários, por exemplo) ou com tratamento digital, de modo a participar ativamente de um projeto argumentativo maior voltado para questões de interesse público e de disputa de poder. Retomemos Morato (2019) que toma o postulado de Tomasello (2014) e afirma que as *Fake News* colocam em prática

⁴ Tradução livre: “A finales del s. XX, Walton (1995) prestaba atención a las falacias en la argumentación y explicaba que no son más que argumentos que utilizan esquemas argumentativos, que pueden ser correctamente aplicados pero que han sido incorrectamente utilizados en un contexto determinado. Esta nueva visión de las falacias en relación con el contexto abriría un nuevo modo de entender este fenómeno, concibiéndose como un argumento defectuoso, inexacto o inválido; un tipo de debilidad, movimiento inadmisibile o deficiencia que le permite a uno abrirse a la crítica.

a condição cognitiva humana de partilhar intenções coletivizadas. Mais ainda, para a autora, trata-se de um fenômeno que relativiza determinadas práticas sociais estabilizadas.

Do ponto de vista argumentativo, a instância de recepção merece olhar especial também por outro motivo. Podemos afirmar que a validade dos argumentos nem sempre é a mesma entre aqueles que tomam contato com os textos-discursos, assim como ocorre com determinadas reações frente às *Fake News*, as quais podem ser entendidas como verossímeis e aceitáveis por parte de inúmeras pessoas.

Além do mais, a lógica mercadológica dos algoritmos promove a construção de bolhas de informação, favorecendo o fortalecimento de determinadas opiniões e agindo diretamente sobre a cognição social e, por consequência, sobre as decisões pessoais, sociais e políticas, que colocam em risco questões ainda maiores, como a democracia. De acordo com Zompetti (2019, p.143): “[...] a maioria de nós recebe informações das redes sociais que já estão voltadas para as nossas inclinações políticas” e “O resultado é o conhecido problema dos ‘silos de notícias’ que alimentam a polarização e a fragmentação dos conteúdos midiáticos”.⁵

Nessa direção, as posições de Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2002), acerca das características das pessoas para quem a argumentação é dirigida, podem ajudar a explicar tal fenômeno. Para esses estudiosos (Op. Cit., p. 23), “as opiniões de um homem dependem do seu meio social, de seu círculo, das pessoas que frequenta e com quem convive”. Os autores continuam: “Cada meio poderia ser caracterizado por suas opiniões dominantes, por suas convicções indiscutidas, pelas premissas que aceita sem hesitar” (Op. Cit., p. 23).

Assim é que as *Fake News* possuem um espaço promissor nas redes digitais do ponto de vista da força argumentativa que podem provocar. Geralmente, a distribuição ocorre entre redes de contato, entre pessoas conhecidas (colegas, familiares), ou mesmo, públicas que possuem influência ou que são referência para determinado grupo, favorecendo a promoção de efeitos de verdade por meio da imagem de autoridade/confiança que se tem sobre aquele que assume a postagem, ou mesmo, pela identificação entre os participantes. Outros

⁵ Tradução livre: “[...] most of us receive information from social media that is already tilted toward our political inclinations”. “The result is the well-known problem of ‘news silos’ that feed polarization and fragmentation in media content.

resultados tendem a ocorrer, tais como a desconfiança de estudos científicos e a dificuldade de dialogar a respeito de assuntos políticos.

Essa configuração das redes digitais, que altera e potencializa a estrutura de distribuição das *Fake News* no século XXI, leva-nos a buscar entender como a argumentação opera em meio a um jogo de falácias e de confabulação. Para Zompetti (2019, p.140), as “notícias falsas podem ser (e são) usadas como uma ferramenta para manipular certos argumentos para públicos específicos”.⁶

Esse autor afirma que existem manobras retóricas nas práticas de *Fake News* e examina os procedimentos entendidos como atitudes falaciosas. Em seu estudo, o autor destaca determinados procedimentos dessa ordem, tais como o desvio de algum assunto, as generalizações, os exageros, o apelo ao medo, a conspirações e a polarizações. Desse modo, existe “um endogrupo em disputa com um exogrupo” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2022).

É também com o apoio dos estudos dos autores da Nova Retórica que postulamos sobre essa distribuição de textos-discursos falaciosos, sobretudo, no que diz respeito ao que determinados agentes proliferadores de *Fake News* podem aceitar como fato ou não do ponto de vista intersubjetivo e social. Perelman e Olbrechts-Tyteca (op. Cit) discorrem que algo pode ser considerado ou não um fato a depender das características do auditório (pessoas para quem os discursos são dirigidos). Trata-se de um objeto de acordo, que pode se fragilizar em ocasiões nas quais são levantadas dúvidas por parte das pessoas para quem o discurso foi encaminhado ou em momentos em que se amplia o auditório, de modo a provar que a condição de fato é restrita a um grupo particular; entretanto, tais medidas não asseguram que determinados auditórios sejam convencidos dessa invalidade. É o que observamos em relação às *Fake News*.

A situação fica mais complexa se considerarmos que o estatuto de “fato”, em consonância com Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2002), pode ser admitido de diversas maneiras, não só em razão de serem observáveis, mas também supostos, convencionais, possíveis ou prováveis.

⁶ Tradução livre: [...] fake news can be (and is) used as a tool to manipulate certain arguments for particular audiences.

Assim é que os estudiosos entendem que essa condição de fato, na argumentação, atrela-se aos participantes presumidos e aos contextos aos quais a argumentação é sensível (op. Cit, p.76):

Não contamos com nenhum critério que nos possibilite, em qualquer circunstância e independentemente da atitude dos ouvintes, afirmar que alguma coisa é um fato. Não obstante, podemos reconhecer que existem certas condições que favorecem esse acordo, que permitem defender sem dificuldade o fato contra a desconfiança ou a má vontade de um adversário: será este o caso, notadamente, quando se dispõe de um acordo acerca das condições de verificação, assim que temos de fazer esse acordo intervir efetivamente, estamos em plena argumentação.⁷

Em relação a essas condições de verificação, a ampla proliferação de *Fake News* levou à formação de grupos de jornalistas, que passaram a verificar determinadas postagens com alto número de compartilhamento, entre os quais, citamos: Aosfatos, Estadão Verifica, Lupa, Projeto Comprova. A argumentação instaura-se em meio a interações tensivas entre os textos-discursos das mídias tradicionais e os das emergentes da internet.

Por um lado, o campo jornalístico tradicional passa a buscar comprovações que invalidem aquilo que se apresenta em determinadas postagens. Por outro, muitas pessoas, que não reconhecem como *Fake News* certas produções, procedem a desqualificar tais grupos de jornalistas. Assim é que, na argumentação, procura-se explorar elementos de legitimação e de deslegitimação de quem assume uma posição ou outra.

A desqualificação ou o ataque à pessoa (*Argumentum ad personam*), ou mesmo, a uma instituição, tornou-se frequente nas redes digitais. Muitos estudiosos entendem esse procedimento como uma falácia. Entendemos que corresponde a uma estratégia, com a qual, na organização textual-discursiva, pode-se promover efeitos argumentativos em determinados auditórios, como os não especializados em determinados assuntos ou aqueles que não procedem à verificação daquilo que é apresentado.

Ainda a respeito do jogo de falácias e de confabulações potencializado e gerenciado por uma lógica dos algoritmos, existem presunções entre os envolvidos, as quais são admitidas “como ponto de partida das argumentações” (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, [1958] 2002, p.79), colaborando para a produção de efeitos de verdade ou

⁷ Grifos nossos.

justificando uma posição/comportamento a partir do que é habitual e aceito para determinado grupo. Os autores da Nova Retórica apontam para algumas presunções:

A presunção de que a qualidade de um ato manifesta a da pessoa que o praticou; a presunção da credulidade natural, que faz com que nosso primeiro movimento seja acolher como verdadeiro o que nos dizem e que é admitida enquanto e na medida em que não tivemos motivo para desconfiar; a presunção de interesse, segundo a qual concluímos que todo enunciado levado ao nosso conhecimento supostamente nos interessa; a presunção referente ao caráter sensato de toda ação humana (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, [1958] 2002, p. 79).

Mais uma vez, temos que a argumentação se volta para o relacional e para as características das interações e dos contextos – situacional, sociopolítico e sociocognitivo. Nessa acepção, Meyer (2007, p.154) aponta para a negociação da distância entre os participantes e afirma que “a retórica não pode instituir-se como o seu próprio senhor. De resto, nunca o é: como vimos, os lugares-comuns, os valores, os saberes partilhados, são incontornáveis”.

Na contemporaneidade, a instância cidadã passou a ser envolvida em uma arquitetura estruturada por outras instâncias. São discursos integrados pela busca do poder. Ocorre o que Breton (2003, p.20) já havia nos alertado a respeito de argumentação cidadã ser desviada, de modo frequente, “pela manipulação das palavras e das consciências”. E acrescenta que “O poder da mídia, as sutis técnicas de desinformação, o recurso maciço à publicidade torna cada dia mais necessária uma reflexão sobre as condições de uma palavra argumentativa oposta à retórica e à manipulação”.

Assim é que, do ponto de vista argumentativo, podemos conceber as *Fake News*, na internet, como um agrupamento de textos-discursos integrados que operacionaliza um projeto argumentativo falacioso. As ideias de conjunto e de dinamicidade parecem-nos valiosas para o exame da força argumentativa dessas produções, por entendermos que, juntas e articuladas, instanciam um jogo de interesses, durante o qual vão sendo mobilizadas estratégias de várias ordens, com o intuito de potencializar as posições defendidas. Passamos a analisar esses procedimentos de ordem estratégica na sequência.

2 A força argumentativa das *Fake News*: estratégias integradas na dinâmica das redes digitais

Procedemos à análise de um conjunto de textos disponibilizados no *site* Aosfatos.org. Trata-se de vinte e oito textos relacionados aos resultados das eleições e unidos pelo mesmo projeto argumentativo: mobilizar pessoas a irem às ruas, aguardarem 72h, para que Bolsonaro acione o Artigo 142 da Constituição e para que as forças armadas intervenham. Esses textos foram selecionados devido ao fato de possuírem única tese e de estarem integrados ao primeiro momento da circulação de *fake news* sobre os resultados das eleições presidenciais, podendo trazer pistas de como se constituiu a argumentação nessa conjuntura política inicial. As análises dos vinte e oito textos foram desenvolvidas por meio: i) do exame das estratégias com vista à multimodalidade existente; ii) do levantamento dos procedimentos argumentativos mais recorrentes. Transcrevemos os corpora de acordo com as normas de transcrição do Projeto NURC-SP.

Os estudos de Koch (1996), sobejamente discutidos entre estudiosos do texto, apontaram para as diversas possibilidades de estratégias mobilizadas em textos-discursos, dependendo do que se projeta em termos de finalidade. Tais estratégias podem ser textuais, cognitivas e interacionais. Em específico as cognitivas, já van Dijk e Kintsch (1983) afirmavam que o processamento textual e a compreensão supõem vários procedimentos orientados por “uma instrução global para cada escolha a ser feita no curso da ação”. Também Beaugrande e Dressler (1981, 1997), Koch (1996), Marcuschi (2007), Morato e Bentes (2013), entre outros, partiram da posição de o texto constituir-se por operações cognitivas interligadas. Entendemos que tais procedimentos interconectam-se com a argumentação presente em textos-discursos, como nas *Fake News*, potencializando a argumentação.

Para Koch (1996), a análise de estratégias cognitivas vai além de características textuais, de modo a considerar as especificidades dos interlocutores, seus projetos de dizer, suas convicções e seus conhecimentos – os episódicos ou mais gerais. Trata-se, assim, de estratégias de uso do conhecimento aliadas às crenças e aos valores envolvidos. Esses últimos elementos correspondem a fatores importantíssimos para os acordos pretendidos,

assim como amplamente já foi discutido em pesquisas que partiram da perspectiva da Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2002) e como discutimos anteriormente.

No caso da rede de disseminação de informações falsas, essa reprodução de ideias reforça tais valores e crenças ao mesmo tempo que cria um modelo cognitivo de grupo acerca de situações políticas, projetando alianças e ações, bem como construindo efeitos de verdade. Joga-se com aquilo que é (supostamente) conhecido por um grupo ou aquilo que não é, de modo, neste último caso, a favorecer a manipulação.

Mais especificamente, nessas interações em rede, as estratégias cognitivas retóricas (VAN DIJK, KINTSCH, 1983), relacionadas ao modo como se diz e se constrói determinados eventos, unem-se às interacionais, as quais dizem respeito ao contrato almejado entre os interlocutores – primeiramente não permitir a tomada de posse de Lula – e às textuais, frequentemente, ligadas à progressão temática e a repetições de natureza diversa - seleção lexical e imagética, paráfrases, paródias, construção referencial.

No conjunto de textos sob análise, observamos indícios de que o projeto argumentativo de invalidar o resultado da eleição presidencial tenha sido operacionalizado por meio de textos-discursos integrados uns aos outros em formato de vídeos, áudios, imagens postadas no *WhatsApp*, com os quais se apelava a valores comuns de um grupo, relacionados à ideia de patriotismo. Seleções referenciais, presentes em diversos textos, são indicativas desse encaminhamento e reforçam esses valores: presença de pessoas com a camiseta do Brasil; imagem da bandeira do Brasil, acionamento do Hino da Independência ou apresentação escrita de uma parte dele (“Ou ficar a pátria livre ou morrer pelo Brasil”); seleção das cores verde, amarela, azul e branca nas letras ou no fundo de postagens; formulações como “Eu sou brasileiro e não aceito”, “O clamor popular vai acabar ditando”.

O acionamento de valores é acompanhado de ecos que reproduzem a ideia de que Bolsonaro estava agindo, ou impedido de agir, e a atitude precisaria ocorrer por parte do povo, como podemos observar nos seguintes textos:

(1) Vídeo no *Kwai* - Fonte não identificada pelo Golpeflix

notícia urgen::te...*Bolsonaro acaba de assinar o decreto de estado de sítio no Brasil.. e o exército começa a agir em 72h* [imagens de pessoas do exército]

(2) Vídeo no *Youtube* - Fonte não identificada pelo Golpeflix

UM quatro dois ... nessa circunda/circunstância... *o presidente não pode tomar a iniciativa e sim o POvo...o legado foi dado... pelo presidente...e o povo ainda não entendeu... aGOra... depois dos votos apurados e a vitória da oposição entre aspas...constitucionalmente... nosso presidente está impedido... de/de se manifestar e se pron/pronunciar... incentivado/incentivando qualquer ação popular... nesse momento... o poder emana do povo quem precisa tomar a iniciativa é o povo... no caso... nós... quem tem que pedir a intervenção militar é o POvo [...]*

Imagem 1: Reprodução de ideia



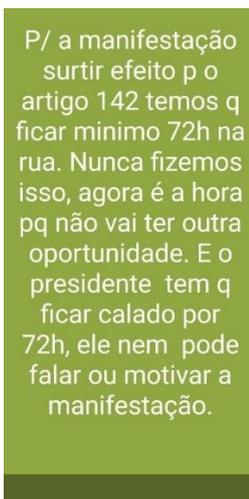
Fonte: Aosfatos.org

Entendemos que, nesses casos (segmentos 1 e 2, imagem 1), o efeito de fato constrói-se pelo que é suposto/inferido em relação ao silêncio de Bolsonaro, ou mesmo, potencializado pela ausência de seu discurso público. Discutimos, com o apoio dos estudos dos autores da Nova Retórica, que aceitar algo como fato ou não corresponde a uma posição intersubjetiva e social, que se ancora às características daqueles para quem os textos-discursos são direcionados.

Temos, ainda, que a força argumentativa se articula à divisão de grupos, “endo e exogrupo” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2022), a uma polarização que reforça identidades e possibilita que acordos sejam efetivados a partir da imagem que se cria de um e de outro, a partir de efeitos de aproximação e de ruptura.

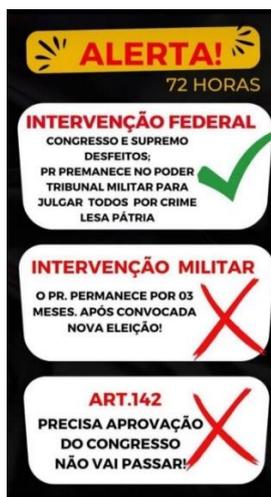
Além do mais, joga-se com o papel e a força da instância cidadã de ajudar Bolsonaro, assim como podemos examinar nas formulações indicadas anteriormente (“o poder emana do povo quem precisa tomar a iniciativa é o povo... no caso... nós”, entre outras) e nas postagens seguintes, entre outras que foram distribuídas no *WhatsApp*:

Imagem 2: Postagem com pedido de manifestação



Fonte: Aosfatos.org

Imagem 3: Postagem com orientações sobre a manifestação



Fonte: Aosfatos.org

Imagem 4: Postagem sobre a manifestação



Fonte: Aosfatos.org

Na imagem 2, junto ao apelo à força da instância cidadã, localizam-se procedimentos de orientação e de motivação sobre a ação que deveria ser realizada: “temos q ficar mínimo 72h na rua”, “Nunca fizemos isso, agora é a hora pq não vai ter outra oportunidade”. Mais ainda, em 3, reforça-se o que deve ser pedido e o que não deve, de modo a dar tom explicativo por meio da organização das informações (“Alerta”, “72h”, “Intervenção Federal”), das cores utilizadas para indicar o que se entende por certo (elemento gráfico verde) e por errado (elemento gráfico vermelho), do espaço que tais ícones ocupam na postagem.

Em relação à imagem 4, observamos pistas do apelo à generalização no que diz respeito a um grupo específico ser construído como o povo brasileiro: “O povo não vai sair das ruas”, “Se posicionem e façam valer a vontade do povo contra o golpe dado pela esquerda contra o povo brasileiro”. As cores e o tamanho das letras, com destaque à formulação “O povo não”, enfatizam a ideia de força do endogrupo.

Nos áudios e vídeos, podemos localizar não só repetição de ideia, como indicamos, mas também formulações linguísticas reiteradas tanto no *interior dos textos* quanto entre textos. Observamos recorrência de seleções relacionadas ao Art.142 e outras: “lei”, “ordem”, “povo”, “intervenção”, “Constituição/Constitucional”, “forças armadas” etc. Observemos alguns desses procedimentos:

(3) Vídeo Fala Glauber *Podcast-Youtube*

um quatro dois... é garantia da lei e da ordem... só isso... tem pessoas que estão com me::do... talvez porque não estejam seguin::do... a LEI e a or::dem... então... para vocês que não estão seguindo a lei e a ordem... existe um artigo que é o um quatro dois... só isso... mas não para tomar poder não...é para restabelecer... a lei e a ordem

(4) Vídeo no *Twitter* – Fonte não identificada pelo GolpeFlix

estamos aqui... não vamos nos render... não vamos entregar o Brasil nas mãos de um ladrão vagaBUNDO:: ... Lula...*artigo um quatro dois já*... bora...*artigo um quatro dois já* [escrita “ART142 já” acompanhada de pictograma da bandeira do Brasil e de um *emoji* com sorriso]

(5) Vídeo no *TikTok* – Fonte não identificada pelo GolpeFlix

[Divulgação de um segmento da fala do ex-desembargador do Tribunal de Justiça do Distrito Federal durante uma sessão da Comissão de Transparência, Governança, Fiscalização, Controle e Defesa do Consumidor no Senado]

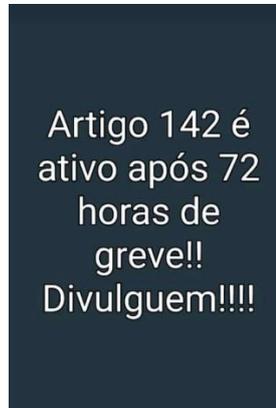
Nós:... a sociedade brasileira sofreu um GOLpe praticado pelo Supremo Tribunal Federal [aplausos] ao não cumprir a *Constituição*... e qual é a solução *CONStitucional*?... hein ? O presidente da República... invocar *o artigo cento e quarenta e dois da Constituição*...[aplausos] para DAR legitimidade às forças armadas para aGIREM [texto escrito “SENADOR PEDE Bolsonaro Bolsonaro para acionar ART 142”]

Imagem 5: Repetição sobre o Artigo 142



Fonte: Aosfatos.org

Imagem 5: Repetição sobre o Artigo 142



Fonte: Aosfatos.org

Como vários estudiosos do texto falado já nos revelaram (JUBRAN ET AL, 1992, TANNEN, 1985, 1987, TRAVAGLIA, 1989 etc.), a estratégia da repetição pode se relacionar à elaboração e à reelaboração da fala espontânea durante seu processamento. Há usos da repetição articulados à compreensão, à interação, à organização do texto, à coesão. Além do mais, essa estratégia possui caráter argumentativo (KOCH, ELIAS, 2016, PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA [1958] 2002), podendo estar presente nas multimodalidades, de modo a manter determinadas ideias em presença, estabelecer diferenças entre cenários e objetos do discurso, atribuir valores.

Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2002) afirmam que a repetição pode aumentar o efeito de presença de determinado objeto de discurso, relacionando-se à argumentação ao passo que permite a evidência de algo, ou mesmo, “o fracionamento de um acontecimento complexo em episódios detalhados” (p. 198). O caráter argumentativo da repetição pode ser outro e mais complexo. Entendemos que se repete como meio de fortalecer/sugerir determinadas ideias e atitudes, de agir sobre modelos cognitivos e sistemas de crenças.

Nas *Fake News* sob análise, a repetição cumpre papel importantíssimo também do ponto de vista interacional. Ideias (ir para as ruas e pedir intervenção federal) e formulações linguísticas (“Intervenção Federal”, “Constitucional”, “Artigo 142”, “Lei”, “Ordem” etc.) repetem-se e se fortalecem com o gerenciamento da lógica dos algoritmos, deslocando a atenção para um cenário construído nos e pelos textos-discursos. Mais ainda, evocando medo, conspirações e polarizações. Retomamos Zompetti (2019) que afirma como as *Fake*

News são utilizadas para manipular certos argumentos para públicos específicos. Nossas análises trazem pistas dessa utilização manipuladora no Brasil.

O endogrupo, das produções examinadas, baseia-se e repete falácias, de modo a se envolver em disputas de um sistema maior, governado por interesses diversos. A dinâmica argumentativa respalda-se na ideia forjada de que determinado grupo cidadão possui força para transformar dada realidade social, de que agem e se articulam sem envolvimento de conjunturas políticas em curso.

Em nossas análises, também detectamos que a maioria dos textos examinados se distribui por meio do *WhatsApp*, provavelmente via amigos ou conhecidos. Tal circulação muito se deve à estratégia textual-interacional de construção do grupo a partir dos valores da justiça, da família e da religiosidade e ao pedido constante de compartilhamento. O recebimento dos textos por meio de amigos e familiares pode ser um motivo que leva a efeitos de verdade por conta de haver identificação entre quem envia e quem recebe, como discutimos anteriormente. Nesse viés, o meio em que circulam as *fake news* também correspondem a um de seus instrumentos de operacionalização em rede.

Destacamos que diversos textos reproduzem formulações indicativas de atitudes falaciosas (“Bolsonaro acaba de assinar o decreto de estado de sítio no Brasil... e o exército começa a agir em setenta e duas horas”, “lembrem-se de uma coisa... o Bolsonaro não po::de... decretar o Artigo um quatro dois... se o povo não for para rua... então... não deixem passar essa oportuna::de[...]”, “esses atos têm que continuar por setenta e duas horas...ela precisa continuar por setenta e duas horas que é o prazo constitucional para que algo seja feito”, entre outras), com as quais se direciona o que deve ser feito e qual o efeito da ação – os meios e os fins. A argumentação está ancorada à regra da justiça, pautada na suposta ilegalidade dos resultados eleitorais, à indissociabilidade de pessoa-grupo (Bolsonaro e apoiadores) e à ideia de sacrifício, no caso, relacionado a uma manifestação que precisaria ocorrer durante 72h. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2002), a argumentação pelo sacrifício pauta-se na alegação que a dificuldade a ser assumida atrela-se à busca por certo resultado.

Conclusão

Este trabalho teve por objetivo a localização de estratégias – interacionais, textuais e cognitivas – que mais se apresentaram e colaboraram com a força argumentativa das *Fake News*. Pudemos identificar uma *performance* coletiva com discursos falaciosos atrelados à tomada de posse de Lula e à suposta intervenção de Bolsonaro e das Forças Armadas. Uma estratégia significativa correspondeu à repetição, entre textos e no interior destes, com a qual foram sendo reproduzidas a mesma ideia de modos diversos: recorrência de um quadro referencial que permite fortalecer os valores de um grupo, retomada de formulações acerca do Artigo 142 da Constituição com acréscimos, reforço da generalização pela seleção constante do item lexical “povo” para indicar as atitudes de um grupo etc.

A motivação central baseou-se pela argumentação relacionada ao meio (ir às ruas) e aos fins (Bolsonaro acionar o Artigo 142, as Forças Armadas intervirem e o resultado das eleições ser suspenso), de modo falacioso, já que as informações dadas como fato correspondiam a suposições, a interpretações sobre o silêncio de Bolsonaro em cenário público, bem como apelo ao medo, acentuação de polarizações.

Quanto ao nosso terceiro objetivo que correspondeu à descrição de como se operacionalizam os textos das movimentações sociais em rede digital, entendemos que o momento sócio-histórico do país, que estava inserido em disputas políticas, colaborou com a aceitação e a distribuição das *Fake News*. Mais ainda, como não é possível identificar facilmente a origem desses textos-discursos, é possível que o fenômeno seja um engendramento de instâncias maiores, de onde se partem ideias que são inseridas em um espaço promissor de disseminação: a internet. Assim é que se podem integrar a tentativa falaciosa e a falácia efetiva.

Do ponto de vista argumentativo, as *Fake News*, nas redes digitais, precisam ser examinadas a partir de agrupamento de textos-discursos, uma vez que é o conjunto junto à dinamicidade das redes que conferem força argumentativa dessas produções. Foi o que pudemos constatar em nossas análises.

Referências

- BEAUGRANDE, R. de. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication and the freedom of access to knowledge and society*: Norwood: Ablex, 1997.
- BEAUGRANDE, R de.; DRESSLER, W. *Introduction to Text Linguistics*. London: Longman, 1981.
- BENTHAM, J. *The book of fallacies: from unfinished papers of Jeremy Bentham*. Londres: Forgotten Books, 1842.
- BRETON, P. *A argumentação na comunicação*. 2. ed. Caxias do Sul: EDUSC, 2003.
- GONÇALVES-SEGUNDO, P. Fake news, moral panic and polarization in Brazil: A critical discursive approach. *Linguistic Frontier*, v.5, n.2, 2022, p.51-60.
- JACOBS, S.; JACKSON, S. Derailments of argumentation: it takes two to Tango. In: HOUTLOSSER, P.; VAN RESS, A. (Eds.). *Considering pragma-dialectics*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2006, p.121-133.
- JUBRAN, C.C.A.S. et al [1992]. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (org.) *Gramática do Português Falado*. Vol. II. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2002.
- KOCH, I.V. Estratégias pragmáticas de processamento textual. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v.30, p. 35-42, 1996.
- KOCH, I.V.; ELIAS, V.M. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.
- MARCUSCHI, L.A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MEYER, Michel. *A retórica*. São Paulo: Ática, 2007.
- MORATO, E. M. *A construção textual das Fake News: faltar à verdade equivale a mentir ? Comunicação apresentada na Abralín em Cena em 21 de novembro de 2019*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y65SmW9UVME&t=419s>. Acesso em: 03 nov. 2023.
- MORATO, E. M.; BENTES, A.C. *Frames em jogo na construção discursiva e interativa da referência*. Caderno de Estudos Linguísticos, v. 55, n.1, p.125-137, 2013.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. [1958] *Tratado da argumentação*. A nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- PORTILLO-FERNÁNDEZ, J. El uso de falacias en la comunicación absurda. *Logos*, v.28 n.2, p.443-458, 2018
- TANNEN, D. *Repetition*. Annals of the New York academy of science, 1985.
- _____. Repetition in conversation: Toward a poetics of talk. *Language*, v.63, n. 3, p.574-605, 1987.

TOMASELLO, M. *A natural history of human thinking*. Cambridge: Harvard University Press, 2014.

TRAVAGLIA, L. C. Considerações sobre a repetição na língua oral e na conversação. *Letras & Letras*, v. 5, n.1 e 2, p. 05-61, 1989.

VAN DIJK, T.A.; KINTSCH, W. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press, 1983.

WALTON, D. N. *Lógica informal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *A pragmatic theory of fallacy*. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 1995.

ZOMPETTI, J. P. The Fallacy of Fake News: Exploring the Commonsensical Argument Appeals of Fake News Rhetoric through a Gramscian Lens. *Journal of Contemporary Rhetoric*, v. 9, n.3/4, 2019, p.139-159.

ⁱ Professora do Departamento de Linguagens da Faculdade Sesi de Educação - São Paulo (FASESP).

E-mail: prof.renata.palumbo@gmail.com.

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5481540554575013>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6969-0802>

ⁱⁱ Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Área de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: ziaquino@usp.br

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/7625238138687080>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0432-7046>